

ECOS DO ORIENTE 2, p.349-50 (sobre “Humanidade, Grande Órfã”)

P.: Qual é o verdadeiro significado dessa frase tão frequentemente vista em trabalhos teosóficos, “humanidade, a grande órfã”?

W.Q.J. - Esta frase tem um significado profundo para mim. Um órfão pode ser também aquele que não teve pais, assim como um orfanato é aquele local onde se está sem pai ou mãe. Se imaginarmos uma criança vindo à Terra sem pais, teríamos que chamá-la de órfã. A humanidade é a “grande órfã”, porque não ter pais, no sentido de que ela se produziu e, portanto, precisa obter a necessária orientação de si mesma. E, enquanto ela se encontra vagueando no vale escuro da sombra da morte, precisa de mais ajuda e conselho do que o mero corpo de uma criança órfã comum. A alma é sem pais, existindo por si mesma, por a toda a eternidade; e a humanidade, considerada como alma, é, portanto, uma órfã. Ela mergulhou na matéria, cercada por todos os lados pelo vasto número de intrincadas ilusões e tentações, pertencentes à vida terrena; ela necessita tanto de proteção, quanto de orientação, durante todas as horas e dias.

Se a ideia de um pai amoroso for aplicada à noção de que um Deus definitivo produziu a humanidade, então descobrimos que esse suposto pai inventou, ao mesmo tempo, os mais diversificados tormentos, e engenhosas séries de problemas, de forma a seduzir, machucar, assediar e, finalmente, destruir a criança. Pois, se determinado Deus é o criador ou o Pai do homem, então, Ele também fez a Natureza. A Natureza é cruel, fria e implacável. Nunca cede a nenhum homem, e destrói sem misericórdia. Quando os habitantes da Terra se multiplicam, a Natureza consegue destruir milhões de pessoas em uma ou duas noites, como de vez enquanto acontece na China; os próprios eleitos da Terra são varridos em um único momento; lenta e dolorosamente, as raças infantis rastejam até a escada do tempo, deixando aos seus pés, à medida que seguem, um vasto número de mortos. De fato, toda a vida apresenta ao homem mais carrancas do que sorrisos. É esse fato, que fez tantos daqueles que falam de um pai amoroso e, ao mesmo tempo, de um ilógico esquema de salvação, se revoltassem, completamente, com a ideia de qualquer significado para a vida, exceto o desespero.

Não vejo como a frase “grande órfão” traz consigo a noção de estar sem guia ou auxiliar. O órfão está em todo lugar; mas entre as unidades que o compõem, estão alguns que se ergueram, através do julgamento, para um estado onde pudessem ajudar os que estão abaixo. Os próprios órfãos vivem para beneficiar a humanidade da qual fazem parte. Eles são a cabeça daquele corpo, cujos membros inferiores são as unidades ou átomos menos desenvolvidos. O entusiasmo pelo “órfão” é o que levará à devoção e ao sacrifício; e esse entusiasmo deve ser desenvolvido não apenas pelo teósofo, mas também por todos os homens da Terra. Dessa forma, eles ajudarão todos que se encontram em seu próprio Plano, e cada estrato de homens erguendo-se em desenvolvimento, ajudará todos os que estão abaixo, até que todos os que pertencem ao globo atinjam a altura perfeita.

Então, eles podem prosseguir para outros pontos do Cosmos, onde se encontram vagando vastas massas de almas, também unidades desse “órfão”, os quais exigem e que podem receber a mesma ajuda que nos havia sido oferecido. Se este não é o destino do homem, durante o tempo

em que todas as coisas manifestam-se, então a observação de Spencer deve ser aceita, no sentido de que o altruísmo é inútil, porque quando universal, não há ninguém para se beneficiar. No entanto, a frase na questão é uma daquelas retóricas que não devem ser lida em sua letra estrita e em seu significado comum.

ECOS DO ORIENTE 3, pp.18-9 (Sobre a influência do homem na Natureza)

Entre os Adeptos são estudados os assuntos como os grandes movimentos cíclicos, a ascensão e queda de nações e civilizações. Eles sustentam que existe uma indissolúvel conexão entre o homem e todos os eventos que ocorrem neste mundo, não apenas as mudanças comuns na política e na vida social, mas também todos os acontecimentos, no reino mineral, no vegetal e no animal. As mudanças nas estações do ano são para e através do homem; as grandes convulsões dos continentes, os movimentos de imensas geleiras, as terríveis erupções de vulcões, ou o repentino transbordamento de grandes rios, são todos para e através do homem, seja ele consciente, ou presente ou ausente. E Eles falam de grandes mudanças na inclinação do eixo da terra, tanto no passado quanto no futuro, tudo isso devido ao homem.

Essa doutrina é incompreensível para o ocidental do século XIX, pois está oculta à observação, oposta à tradição, e contrária à educação. Mas o teósofo, que tem ultrapassado os estágios elementares, sabe que isso é verdadeiro. Pergunta o adorador da Ciência: "O que o homem tem a ver com o terremoto de Charleston ou com as chuvas de poeira cósmica que invadem nossa atmosfera? Nada". Mas o Adepto, parado na altura imensurável, onde séculos se encontram sob seu olhar, vê avançando os grandes e os menores ciclos, influenciados pelo homem, e elaborando suas mudanças, devido à sua punição, recompensa, experiência e desenvolvimento. Não é necessário, neste momento, tentar deixar claro como os pensamentos e as ações dos homens efetuam quaisquer mudanças nas coisas materiais; isso, por favor, eu deixarei como dogma, por hora, para mais tarde deixar claro.

O grande assunto dos ciclos foi abordado e nos aproxima de uma das mais fascinantes declarações feitas pelos Adeptos teósofos. É isso que os ciclos, em seus movimentos, são trazidos, agora, à tona, tanto nos Estados Unidos quanto na América, em geral; não apenas uma grande glória da civilização foi esquecida, onze ou mais mil anos atrás, mas também os próprios homens, as Mônadas — os Egos, como são chamados — que estavam preocupados, há muitas idades, desde o desenvolvimento, até trazê-lo ao seu brilho final. De fato, nós do século XIX, ouvindo todos os dias novas descobertas e invenções, e sonhando com grandes avanços em todas as artes e ciências, somos os mesmos indivíduos que habitavam corpos, entre os poderosos e os brilhantes, bem como entre os perversos, Atlantes, cujo nome encontra-se eternamente imortal no Oceano Atlântico. Os europeus também são Mônadas atlantes; mas a flor, por assim dizer, desse renascimento ou ressurreição é, e deve estar no continente americano. Eu não direi os Estados Unidos; talvez, quando o sol do nosso poder novamente ressurgir, poderá não haver Estados Unidos para que ele possa ascender.

Obviamente, é essencial que se acredite nas doutrinas gêmeas teosófica de *karma* e reencarnação, para que se possa aceitar em qualquer grau essa teoria. Parece bastante claro para mim. Eu quase posso ver os atlantes, nesses cidadãos da América; sonolentos e sem saber quem são, mas ainda assim, cheios de ideias atlantes, que só são impedidas de expressão, plena e clara, devido ao ambiente físico e mental herdado, e que contrai e prende o poderoso homem interior. Novamente, esse é o *Nemesis-Karma*, que nos castiga por meio dessas irritantes limitações, encerrando nossos poderes e, por enquanto, frustrando nossa ambição. É porque, quando estávamos em corpos atlantes, nós fizemos perversamente, não as meras coisas sórdidas e perversas daqueles tempos, mas altas ações do mal, como foram atribuídas, por São Paulo, a desconhecidos seres espirituais em lugares elevados. Degradamos as coisas espirituais, e transformamos para usos básicos, os poderosos poderes sobre a Natureza; fizemos “nas alturas”, o que agora é sugerido como a glorificação da riqueza, dos bens materiais, do indivíduo acima do espiritual e do grande Homem — a Humanidade. Isso agora tem sua compensação, em nossa incapacidade atual de alcançar o que queremos, e remover de nós as pedras da pobreza. Nós somos, ainda, apenas treinadores, por mais que podemos exaltar o nosso desenvolvimento americano, claramente bruto.

ECOS DO ORIENTE, 1, p.503-4. (“Como devemos tratar os outros?”)

O Mestre "K.H.", em O Mundo Oculto, uma vez escrevendo para o Sr. Hume, e falando por toda a sua Ordem, e não apenas por si, escreveu, claramente, que o homem ao denunciar um criminoso ou um ofensor, não trabalha com a Natureza e a harmonia, mas contra ambos, e que esse ato tende à destruição, ao invés de construção. Seja o ato grande ou pequeno, seja a denúncia de um criminoso, ou apenas sua própria insistência em regras, leis ou direitos, não altera o assunto, nem o exclui da regra estabelecida por aquele Adepto.

Pois a única diferença entre os atos mencionados é apenas de grau; o ato é igual, em equivalência, à denúncia violenta de um criminoso. Ou esse Adepto estava certo ou errado. E se errado, por que seguimos a filosofia estabelecida por Ele e Seu mensageiro, e de acordo com todos os sábios e professores do passado? Se certo, por que nadar em uma corrente adversa, como ele mesmo disse; por que essa tentativa de mostrar que podemos deixar de lado o *karma*, e agir como quisermos, sem consequências, seguindo a nós mesmos até o fim dos tempos? Eu não sei. Eu prefiro seguir o Adepto, e especialmente quando vejo que o que ele diz está alinhado com os fatos da Natureza, e à certa conclusão do sistema de Filosofia que encontrei na Teosofia.

CARTAS QUE ME AUXILIARAM, CARTA 10 (Sobre pensamento e natureza).

O pensamento é limitado e procuramos entrar no ilimitado. O intelecto é a primeira produção de Natureza que energiza para uma experiência da alma, como eu disse. Quando reconhece essa verdade, fazer uso dessa energia natural chamada Pensamento para comparação, instrução e remoção de dúvida, e assim chegamos a um ponto em que restrições como tendências externas da Natureza, pois elas são resolvidos em sua causa e natureza é

totalmente conquistada e contida, essa causa se manifesta tanto dentro como fora da natureza.